

A cidade e os homens das salinas

Francisco Carlos Oliveira de Sousa*¹

RESUMO

Na segunda metade do século XX, o trabalho sazonal nas salinas de Macau, cidade situada no litoral do Rio Grande do Norte, atraía milhares de trabalhadores para o município. No verão, muitos desses migrantes eram oriundos das atividades agrícolas nas povoações circunvizinhas. A labuta insalubre no território das salinas mesclou valores de dois mundos distintos: o urbano e o rural. Nesse contexto, costumes e tradições receberam consideráveis influências com repercussões no âmbito das identidades.

Palavras-chave: migração, trabalhadores de salinas, identidade.

ABSTRACT

In the second half of century XX, the seasonal work in the salt mines of Macau, situated city in the coast of the Rio Grande do Norte, attracted thousand of workers for the city. In the summer, many of these migrant were deriving of the agricultural activities in the surrounding populations. The unhealthy drudgery in the salt mines territory to blend values of two distinct worlds: urban and the agricultural one. In this context, customs and traditions had received considerable influences with repercussions in the scope from the identities.

Words-key: migration, workers of salt mines, identity.

1 Macau e seu ambiente natural

O Brasil possui duas grandes áreas propícias à exploração do sal marinho. A primeira, que abrange o litoral nordestino, compreendido desde o Rio Grande do Norte até o Maranhão. A segunda, localizada na região Sudeste, engloba Araruama e Cabo Frio, no Rio de Janeiro, com nítidas desvantagens naturais em relação à primeira (ANDRADE, 1995). É nessa primeira área que está inclusa a cidade de Macau. Inserido nesse quadro propício, o Rio Grande do Norte possui particularidades naturais que o dotaram para a produção do sal marinho “como num processo coordenado da natureza em função desse tipo de indústria” (FERNANDES, 1995, p.50). A combinação de diversos fatores naturais como relevo, clima, solo, ventos e abundante água marinha proporciona a obtenção do processo produtivo do sal via evaporação (PAIVA FILHO, 1987).

Apesar de conhecidas desde o século XVII, 1802 é o marco inicial da exploração ordenada das salinas de Macau. Ou seja, pouco após a régia autorização de 1801 que aboliu o monopólio lusitano sobre o sal brasileiro (CASCUDO, 1955). Decisão fundamental para o

* Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, CEFET-RN. Mestre em Sociologia.

incremento da produção salineira, outrora sujeita ao exclusivismo metropolitano, como afirma Sousa (1988, p. 45) “com a liberação da [...] exploração das salinas [...], Capitânicas dotadas de jazidas naturais de sal marinho, dispuseram de alternativa para sair da estagnação [...] e dedicaram-se à produção e distribuição desse produto”. Começava aí a organização exploratória do sal na região de Macau.

Novo impulso para a exploração comercial do sal macauense viria em 1886, com a tributação do sal estrangeiro. O protecionismo deu ânimo à incipiente indústria salineira contribuindo para a sua expansão, “estendendo-se as salinas de Macau sobre vinte quilômetros de comprimento por quatro de largura” (A’RBOCZ, 1986, p.6). Contudo, a consolidação da indústria salineira potiguar só ocorreu no período que vai de 1930 ao final dos anos 50. A partir de então, o Rio Grande do Norte apresentou produção sempre superior a 50% da nacional. Nesse cenário, Macau tornou-se o verdadeiro coração da indústria salineira brasileira (ANDRADE, 1995).

2 As condições de trabalho nas salinas

O processo de produção, colheita e transporte do sal para os navios cargueiros requisitava um elevado número de trabalhadores dispostos a enfrentarem um trabalho insalubre e mal remunerado. Antes da modernização tecnológica no setor salineiro, era comum uma cena na qual, usando um balaio de cipó com suporte de madeira apoiado nos ombros, uma dupla de operários transportava o sal em ritmo sincronizado, sob roupas velhas, chapéu de palha e calçados com alpercatas de rabicho² (SABINO,1985).

A cena assume característica *dantesca*³ se lembrarmos que, não raras vezes, era exaustivamente repetida na escuridão das noites para se fugir da intensa luminosidade solar refletida na brancura do sal. Ao anoitecer não tinha iluminação e em toda a região salineira trabalhavam às cegas, “orientando-se pelo brilho dos montes de sal” (FERREIRA, 2000, p.99), muito embora a energia elétrica já estivesse em franca utilização nos maiores empreendimentos. Ao se referirem a essas duras condições, os ex-trabalhadores das salinas demonstram amargura: “nois trabalhemo qui nem bicho batizado [...]. O operário de salina foi

² Tipo de sandália comum entre os salineiros.

³ Na *Divina comédia*, Dante Alighieri realiza uma viagem imaginária entre o Céu, o Purgatório e o Inferno. O termo faz referência às cenas descritas no *Inferno*. A difusão do trabalho popularizou o termo, tornando-o sinônimo de algo grotesco.

um jumento incansável”⁴ (Informação verbal). Problemas de visão, inclusive a cegueira, eram comuns entre os trabalhadores em decorrência da excessiva exposição à luminosidade do sol refletida na alvura do sal. As quedas, fraturas e cortes foram outras das mazelas às quais estavam submetidos (FERREIRA, 2000).

Esses homens tinham em geral modesta alimentação “à base de café, bolacha, farinha, feijão e carne de charque, fornecidos pelo *Barracão*⁵ da própria salina que lhes cobrava preços duas ou três vezes mais caros que os preços normais do comércio” (SABINO, 1985, 30-31). Não raras vezes a subnutrição, aliada às condições de trabalho, traduzia-se em tuberculose entre os salineiros destituídos das mínimas condições de sobrevivência.

As condições de trabalho dos operários de salinas eram notórias, como se pode deduzir da seguinte afirmação divulgada pela imprensa do Sudeste do Brasil: “O salineiro é o pária. Seu trabalho é feito apenas alguns meses do ano. Ganha pela quantidade de sal que amontoa e tem um limite para amontoar [...]. O tipo de vida do salineiro é sub-humano”⁶ (Apud BARROS, 2001, p.146). Essas condições de trabalho se por um lado funcionavam como obstáculos para a organização e conscientização dos trabalhadores, por outro lado fomentaram as reivindicações operárias.

3 Os Homens das Salinas

3.1 Origens dos trabalhadores

Uma característica marcante da produção salineira é a sua sazonalidade. O verão é a época favorável para esse tipo de atividade; as altas temperaturas são condição indispensável na produção e colheita do sal. Decorre daí que a sazonalidade da produção salineira e a entressafra agrícola se harmonizavam permitindo a migração temporária (SABINO, 1985). Além disso, a natureza do trabalho realizado nas salinas permite a absorção do operário sem qualificação, independente da atividade anteriormente exercida (PAIVA FILHO, 1987). Assim, considerável parcela dos trabalhadores eram migrantes oriundos de Pendências, Afonso Bezerra, Guamaré, Assu, Alto do Rodrigues e adjacências que, empurrados por períodos de estiagens – ou outros motivos –, buscavam meios de sobrevivência nas salinas de Macau.

⁴Conforme entrevista realizada em Macau com o Sr. Luís José de Lima, popularmente conhecido por *Luís Cachimbo*, em 13/11/2001.

⁵ Estabelecimento mercantil ligado à empresa no qual o trabalhador era impelido a adquirir gêneros de primeira necessidade.

⁶ *Folha de São Paulo*, 18 de abril de 1963, p.20 (Apud BARROS, 2001, p.146).

Ali os migrantes se defrontariam com um outro tipo de mundo, no qual reinava a exploração do sal em detrimento do cultivo da terra. Por conseguinte, a diferença entre o mundo daqueles que eram egressos do campo e o mundo com o qual se deparavam em Macau era considerável, como se depreende do comentário a seguir:

A diferença do seu e daquele mundo em que se encontrava. A terra fértil, a vegetação que era uma beleza, lá no seu vale. E ali sal, somente sal. Tanto sal que ninguém da cidade comprava, as salinas distribuía gratuitamente aos habitantes do lugar. Mas não se via um pé de fruta, um roçado bonito, nada. Terra madraça. E o povo parecia feliz. Tinha razão, não dependia de chuva, a água para beber vinha de longe, mas o dinheiro de todos saía era dos baldes, dos montes de sal enfileirados no aterro. Havia até dono de salina que fazia promessa para não chover, quando os baldes estavam cheios de água salgada, preparando-se para a cristalização (MENEZES, 1960, p.30).

A outra parcela que compunha os trabalhadores das salinas era oriunda dos subúrbios de Macau. Centenas de homens dos bairros do Valadão, do Porto do Roçado – posteriormente denominado de Porto de São Pedro – e de outras áreas carentes da cidade, além dos povoados subordinados à sede municipal, como Alagamar, Amargoso, Barreiras, Diogo Lopes, Pedrinhas, Porto do Carão, Quixaba, Salinópolis e Umburanas, deixavam seus afazeres tradicionais, juntavam-se aos desempregados e acorriam às salinas na época da colheita. (BARROS, 2001).

O trabalho dos sonhos dos varões da cidade não era, evidentemente, o das salinas. Por outro lado, tinham altas cotações os empregos de estivador ou marítimo *embarcado*, cujas remunerações faziam inveja às outras categorias. Inclusive aos funcionários públicos federais, que gozavam de inequívoco prestígio em outras cidades do interior do País. (BARROS, 2001). A partir desse contraste nas remunerações é razoável supor que o trabalho nas salinas era rejeitado por quantos tivessem o privilégio de conseguir outra ocupação.

3.2 Crenças, valores, aspectos socioeconômicos e lazer dos operários

O trabalho nas salinas, ao atrair expressivo contingente de trabalhadores agrícolas nos períodos de estiagens para Macau, proporcionou a fusão de valores típicos do mundo rural com o estilo de vida urbano que se esboçava no município. Assim, valores como a solidariedade, o companheirismo, a fé e a religiosidade, o senso de justiça e a sinceridade nos relacionamentos mesclaram-se a outros, forjados no convívio entre trabalhadores de dois mundos distintos.

Questionado a respeito da convivência entre os trabalhadores, Bento Ventura, veterano operário egresso do trabalho agrícola, com atuação nas salinas e trabalho de mobilização política entre os salineiros, foi enfático ao destacar a solidariedade entre eles. Segundo Bento Ventura, diante das injustiças presenciadas no ambiente de trabalho, por demais diferente daquele a que estava habituado no campo⁷, resolveu assumir uma postura de rejeição à passividade. O Sr. Bento aprendera, na prática, a lição de que em determinados casos a sujeição contém componentes de aceitação (LA BOÉTIE, 1985). E resolveu reagir: “Entendi que [...] poderia ajudar às lideranças operárias [...], tomando uma posição contra as injustiças sociais, diferenças de salários e exploração do patrão [...] contra os trabalhadores de salinas”⁸ (Informação verbal). Começava aí uma militância impulsionada por sentimentos de solidariedade para com aqueles que partilhavam as mesmas adversidades.

À solidariedade forjada nos conflitos sociais, o homem das salinas aliava o sentimento religioso. Em Macau depararam-se com a figura do Monsenhor Honório, reverendo de amplo prestígio na cidade, e doravante o trataram com reverência: “Eram mais de três mil salineiros. Do Bamburral, de Amargoso, de Afonso Bezerra, de Tabatinga, de Alto do Rodrigues. Todos eles direta ou indiretamente haviam recebido de Monsenhor Honório rasgos de solicitude pastoral” (SILVA, [197-], p.19). Muitos dos salineiros vinham de Mulungú, povoado de Pendências, que atualmente tem o seu nome. Monsenhor Honório, escreveu o ex-padre José Luiz, que com ele conviveu, gostava do contato direto com os trabalhadores de salinas por quem tinha especial predileção. De modo que estes ficaram consternados, quando do seu falecimento, como esclareceu em entrevista João de Aquino, espécie de solitário guardião honorário da memória macauense⁹.

Os trabalhadores eram, em sua maioria, analfabetos. Desde cedo tinham que enveredar pelo mundo do trabalho, interrompendo precocemente a infância e o encaminhamento aos bancos escolares, a exemplo do que afirmou Bento Ventura, um dos raros que conseguiu suplantar o analfabetismo: “o livro que o meu pai me deu foi a terra e a caneta foi a enxada, a pá e o martelo”¹⁰. Milhares de trabalhadores das salinas tinham esse mesmo perfil e, ao contrário do companheiro citado, não lograram modificá-lo.

⁷ O que de forma nenhuma equivale a dizer que não existisse injustiça no campo. Muito pelo contrário. Ao longo da nossa história ela tem sido ali uma incômoda realidade. Aludimos aqui às evidentes diferenças existentes entre o trabalho no campo e o trabalho nas salinas.

⁸ Conforme depoimento prestado por Bento Ventura, em Natal, no dia 26 de janeiro de 2002.

⁹ O Sr. João de Aquino é proprietário de um museu em Macau. Dotado de prodigiosa memória, é fonte obrigatória de informações para quantos pesquisem a história do município. Possui íntimo relacionamento com a Igreja de sua cidade e especial predileção para com a biografia do Monsenhor Honório. Entrevista realizada em 15/11/2001.

¹⁰ Conforme depoimento do Sr. Bento Ventura, prestado em Natal, no dia 26 de janeiro de 2002.

O dinheiro que circulou em profusão nos áureos tempos da cidade criou um mito: o de que o homem das salinas era um trabalhador bem remunerado. Geralmente se toma como aplicável aos salineiros a mesma situação financeira observada entre os marítimos, estivadores e conferentes, ou ao volume de dinheiro circulante na cidade, como se percebe na seguinte declaração: “Era dinheiro que você não podia sair nas ruas pra não achar uma nota no chão. Barcaceiros, estivadores, conferentes, operários de salinas, **todos** eles ganhavam e gastavam muito dinheiro” (Apud BEZERRA, 2000, p. 4, grifo nosso). Questionado a esse respeito, um ex-operário das salinas não deixou dúvidas: “Nunca existia isso não. Quem percurou um salariozinho mais ou menos pra gente foi Floriano Bezerra de Araújo [...]. A vantagem era que tinha muito trabalho. Mais o dinheiro era pouco.”¹¹ (Informação verbal). A referência ao nome de Floriano Bezerra é uma alusão ao trabalho desenvolvido pelo líder sindical em defesa dos interesses dos operários salineiros, desde a década de 50 até o Golpe de 1964.

O maior contingente de trabalhadores de salinas não tinha salário fixo. A remuneração tinha como base a produção, que em geral era paga por alqueire de sal. O limite atingido pelos trabalhadores em uma semana de trabalho correspondia ao valor de Cr\$ 6.318,00. Os que mantinham esse desempenho em um mês de trabalho, algo incomum, totalizavam a remuneração de Cr\$ 25.272,00; equivalente, em fevereiro de 1964, a pouco mais que o salário mínimo então pago no Rio Grande do Norte: Cr\$ 25.200,00, conforme dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Estatística¹². Só em casos excepcionais algum operário alcançava remuneração próxima a dois salários mínimos da época¹³.

Apesar de não constituir remuneração que possamos classificar de razoável, o pagamento auferido pelo salineiro tinha, para o trabalhador oriundo do campo, significativo valor. Representava uma fonte de sobrevivência muitas vezes inexistente em suas paragens de origem. Isso torna inteligível a migração daqueles homens que, mesmo sonhando com o verde do campo, vinham para o mundo das reluzentes pirâmides de sal. Graças ao elevado contingente, os operários salineiros eram responsáveis por significativa circulação de dinheiro na cidade-pólo e circunvizinhas. Seus salários eram canalizados para as mais variadas necessidades, inclusive o lazer, estimulando a economia local e arrabaldes. Tal fato gerou no imaginário popular, em especial fora do município, o nivelamento entre os rendimentos de operários de salinas, marítimos e estivadores. Algo que de fato nunca ocorreu.

¹¹ Conforme entrevista prestada em Macau pelo trabalhador de salinas aposentado, Luís José de Lima, popularmente conhecido como Luís Cachimbo, em 13 de novembro de 2001.

¹² Cf. Anuário Estatístico do Brasil – IBGE, 1964, p. 275.

¹³ Conforme depoimentos de vários entrevistados, entre eles Pedro Severiano vital, José Gomes de Souza e Floriano Bezerra de Araújo.

Com efeito, os marítimos formavam uma categoria bem remunerada em Macau. Isso é patente quando tomamos como parâmetro os salários do Promotor de Justiça e do Juiz de Direito da cidade, em fevereiro de 1964. O primeiro, à época, percebia a importância de Cr\$ 95.000,00 enquanto o segundo, a maior autoridade do judiciário no município, tinha um salário mensal de Cr\$ 100.000,00. No mesmo período, o moço de convés, marítimo em início de carreira, recebia cerca de Cr\$ 300.000,00. O mestre Arrais¹⁴, principal posto da categoria, por sua vez, ganhava em torno de Cr\$ 600.000,00 mensais¹⁵. (PENHA FILHO, 1983).

Apesar da precária remuneração, os trabalhadores de salinas procuravam viver de forma intensa, dispensando ao lazer considerável importância. Um dos mais apreciados era dançar o *Coco-de-Roda*¹⁶ na antiga sede do Sindicato, desativada quando da inauguração de outro prédio, em 1953, também localizado na antiga Praça do Cruzeiro, atual Praça Café Filho (BARROS, 2001). Os salineiros apoiavam-se em caixotes de madeira e batucavam nas laterais produzindo um som característico que embalava os cantadores e ecoava pelos arredores do quarteirão no qual estava localizada a outrora imponente sede do sindicato da categoria¹⁷.

O futebol, como o esporte nacional, atraía seus adeptos nas horas de folga. Por vezes, assistiam a uma *pelada*¹⁸ no campo do Cruzeiro, então existente nas proximidades do Sindicato. “Os jogos eram disputados no campo que existia no antigo Quadro do Cruzeiro [...]. Jogar no Campo do Cruzeiro era coisa de macho. Para começar, não havia grama. O campo era de barro misturado com sal, o que tornava a terra dura como cimento” (FERNANDES, 1984, p.21). A outra opção para os aficionados do futebol era assistir às pejejas no *Campo da Salina*, que costumava atrair um grande público nos finais de semana.¹⁹ Ali poderiam ver em ação o Flamengo de *Dona Pretinha*, o Unidos, o ABC F.C., o América F.C. ou alguma equipe visitante das cidades vizinhas.

A expressiva participação popular no carnaval macauense foi a manifestação cultural a causar uma das mais vivas impressões nos operários de salinas procedentes de outras localidades. Muitos, jamais tinham visto nada igual em suas terras de origem. Parcela destes aderiu à novidade e caíram na folia junto com os operários da cidade. Sentiam-se especialmente atraídos pelo então famoso *Bloco da Ema*, assim chamado por tradicionalmente sair às ruas da

¹⁴ Marítimo responsável pela condução do navio.

¹⁵ Conforme depoimento do Dr. Laércio Medeiros Bezerra, à época Promotor de Justiça de Macau, em 6/6/2002.

¹⁶ Dança folclórica, em geral acompanhada de instrumentos de percussão e cantigas, cujo refrão é repetido pelos dançarinos.

¹⁷ Conforme depoimentos de ex-salineiros: Luís “Cachimbo”, em 13/11/2001, e Bento Ventura, em 26/01/2002.

¹⁸ O termo é aqui utilizado para designar jogo de futebol realizado por amadores.

¹⁹ Cf. Jornal *O Povo*, nº XV de 29/11/53, p.4, (Apud BARROS, 2001, p.80).

cidade com alguém fantasiado de Ema²⁰, embalado pelo saxofone do Sr. Virgílio Dantas e os foliões a cantarem uma letra simples que conquistou milhares de pessoas – entre elas trabalhadores de salinas – que com o Bloco se deparavam:

*Olha o passo da Ema, olé-olé,
Lá no meu sertão, olé-olé,
Todo pássaro canta, olé-olé,
Só a Ema não, olé-olé...*
(Apud FERNANDES, 1984, p.23).

Outra opção de lazer dos salineiros era enveredar no caminho que os conduziam aos bares. Nos localizados no baixo meretrício da cidade reinavam os marítimos e estivadores, com quem confraternizavam. Ali, o alcoolismo, a prostituição, o esbanjamento de dinheiro e a violência formavam um quarteto explosivo. A conjugação desses elementos era relativamente incomum para homens vindos do trabalho no campo. Na avaliação de Padre Penha, então pároco da cidade, “aconteciam coisas que quem não viveu aquela época, pode pensar que é estória. Como por exemplo: comprar caixas de cerveja para [...] dar banho no carro alugado para a farra; acender um cigarro com uma nota de cem cruzeiros [...] E outras coisas tantas” (PENHA FILHO, 1983, p.10). Era no baixo meretrício que o crescimento econômico proporcionado pela indústria salineira deixava maior rastro de ilusão: “No apogeu econômico de Macau, [...] os bordéis e cabarés faziam parte da vida mundana macauense. Foi nessa época que surgiram os cabarés históricos [...], tais como a ‘Coréia’, ‘Suzana’, ‘Quatro-Bocas’ e [...] a ‘Lua’”²¹ (Apud BARROS, 2001, p.153). Acrescente-se a essa lista o *Mata-Sete*, palco de fugazes amores e desmedida violência, cuja fama extrapolava os limites de Macau e horrorizava as pequenas cidades ao seu redor. Envoltos nessa atmosfera, os trabalhadores sazonais assimilaram aspectos desse *modus vivendi*. De maneira que quando voltavam aos seus lares, os salineiros das cercanias de Macau já não eram os mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **O território do sal: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, 1995.
- A'RBOCZ, Istvan Inre Lászlo. **Ensaio sobre a história econômica do RN**. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1986.
- BARROS, Benito. **Macauísmos: lugares e falares macauenses**. Macau: ICEC, 2001.
- BEZERRA, Fernanda Maria et al. **Prostituição em Macau: ontem e hoje**. Macau: UFRN/PROBÁSICA, 2000. (mimeo)
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

²⁰ Ave que chega a atingir 1,30m de altura.

²¹ Cf. *Jornal de Macau*, ano II, nº 19, julho/agosto de 1995, p. 14. (Apud BARROS, 2001, p.153).

FERNANDES, Aparício. **Macau: canto de amor e saudade**. Rio de Janeiro: Campeão Gráfica Editora, 1984.

FERNANDES, Geraldo Margela. **O sal: uma economia em questão**. Natal: UFRN, 1995.

FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do garrancho**. 2.ed. Mossoró: Depto. Estadual de Imprensa, 2000. (Coleção Mossoroense, Série C; v. 1014).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico do Brasil**. Guanabara: Serviço Gráfico do IBGE, 1964.

LA BOÉTIE, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Elogio da Filosofia).

MENEZES, Fagundes de. **O vale dos cataventos**. Rio de Janeiro: Antunes, 1960.

PAIVA FILHO, Francisco das Chagas. **Uma análise da dualidade do mercado produtor salineiro do Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, 1987.

PENHA FILHO, Pe. João. **25 anos depois**: Macau: [s.n], 1983.

SABINO, Geraldo. **História do sindicalismo no Rio Grande do Norte**. Natal: Clima, 1985.

SILVA, José Luiz. **O santo de Macau**. [Macau]: [s. n.], [197-].

SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte: 1965-1974**. 108 f. 1988. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica. Departamento de História. São Paulo: 1988.

DEPOIMENTOS

Bento Ventura

(ex-salineiro, liderança dos trabalhadores de salinas na transição das décadas de 1950 e 1960)
26/01/2002

Floriano Bezerra de Araújo

(ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Sal de Macau, deposto pelo Golpe Militar de 1964).
22/09/2002.

João de Aquino

(proprietário de museu em Macau, emérito conhecedor da história do município).
15/11/2001.

José Gomes de Souza

(ex-enfermeiro, responsável pela farmácia do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Sal de Macau).
05/06/2002.

Laércio Medeiros Bezerra

(ex-Promotor de Justiça de Macau-RN)
06/06/2002.

Luís José de Lima

(ex-salineiro, popularmente conhecido por Luís Cachimbo).
13/11/2001.

Pedro Severiano Vital

(presidente do Sindicato, quando da realização da pesquisa)
16/04/2002.